

Taiasmin Ohnmacht. *Vozes de retratos íntimos*. Porto Alegre: Editora Taverna, 2021. 160 p. ISBN 978-65-991037-4-2

O que nós escutaríamos se as vozes dos retratos íntimos de nossas famílias falassem? Será que é por não querer ouvi-las que surgiu aquele ditado: “Família só é bonita no porta-retrato”? E se você e a sua família são brasileiros, será que enchem o peito e se estufam exaltando as suas descendências europeias? Ou para justificar que não é racista, diz que tem um bisavô africano? Ou que tem “um pé na cozinha”? E que não sabe a origem da sua bisavó, pois “ela foi pega no laço”?

A escritora gaúcha Taiasmin Ohnmacht vem quebrar esses silêncios em seu romance de estreia: *Vozes de Retratos Íntimos* (2021). Taiasmin é uma contadora de histórias, da linhagem da Escrivivência de Conceição Evaristo. Também é poeta e tem uma novela muito elogiada: *Visite o Decorado* (Figura de Linguagem, 2019). É psicóloga e Mestra em Psicanálise: Clínica e Cultura, onde dissertou sobre o pós-colonialismo na escrita poética negra.

Seu romance inicia com a seguinte epígrafe: “Falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização”. Frantz Fanon

Será que estamos prontos para suportar o peso da civilização brasileira? Pois o convite que a narradora nos faz é folhear as fotos do seu álbum de família. Algumas delas estão reproduzidas na contracapa do livro, fotos antigas em preto e branco, que mostram famílias negras e brancas, como é o casal interracial que ilustra a capa do livro.

A narradora inicia dizendo que não irá se apresentar:

em vez disso pensem na voz, uma voz sem palavras, apenas o ritmo, a entonação, o som. As palavras estão na folha em branco e se destacam pretas aos seus olhos, mas para pensar na voz vou precisar de mais do que isso, precisarei da minha e da tua imaginação, e à medida que avançamos nas letras pretas em folhas brancas, que algo se desenhe, algo mais do que uma apresentação, algo que agora não sei dizer, mas que talvez encontre no fim. (p.9)

Estamos diante de um romance de formação, em que a vida da narradora nos é apresentada pelos seus olhos infantis, observadores da mãe, do pai, das avós, dos avôs e das histórias que eles contavam sobre seus antepassados, bisavós, bisavôs, tataravós e tataravôs. Talvez no fim, saberemos menos sobre ela, mas o mais importante: sabemos que é uma escritora de mão cheia e que nos leva a conhecer a formação da sociedade brasileira no período do pós-abolição, pós-guerra mundial e pós-ditadura militar, os grandes traumas e feridas abertas do Brasil que ainda jorram pus nessa pós-moderna nação.

O romance também vem preencher uma lacuna na Literatura Negro-Gaúcha. Nosso quadro de escritoras negras, desde Luciana de Abreu (séc. XIX) até Lilian Rocha (sec. XXI), registra apenas uma romancista: Maria Helena Vargas da Silveira. “Helena do Sul”, como ficou conhecida, publicou 11 livros entre 1980 e 2000. Nasceu em Pelotas em 1940 e faleceu em 2009. Foi escritora, pedagoga e professora. O romance *É Fogo!* (Hucitec, 2020) foi publicado originalmente em 1987 e resgatado pela Coleção Diálogos da Diáspora em comemoração aos 10 anos de sua morte. A UFRGS também criou um site com informações sobre sua vida, obra e fortuna crítica, projeto das professoras Fernanda Oliveira e Sátira Machado.

Por que demoramos tanto para conhecer as escritoras negras e, principalmente, as romancistas? Parte dessas respostas vamos encontrar nos cinco capítulos do romance. Inicialmente, ficamos sabendo que a mãe da narradora é uma mulher negra, uma mulher confusa em acreditar ou no espiritismo, ou na umbanda, e atormentada pelo “inferno” católico com um “diabo negro” da sua educação num orfanato de freiras italianas. É uma legítima brasileira, eu diria, e a narradora confirma: “...o Brasil também é um grande clichê,” (p.15).

E assim, vamos viajando, não num tempo cronológico, mas em flashbacks que nos remetem à ameaça “comunista” no Brasil de Vargas, onde o avô materno da narradora é um sindicalista paulistano, perseguido por sua atividade política e preso político, que acaba por vir para uma vida menos agitada e mais calma no Rio Grande do Sul.

Mas, vamos conhecendo fragmentos das histórias de vidas, entremeados por outros flashbacks de outras biografias que, por fim, vão se encontrando na instituição familiar chamada “casamento”. O avô paterno da narradora vem da Suíça para o Brasil.

Confundido com um alemão pelo seu sobrenome, acaba em Porto Alegre, numa comunidade alemã, onde exerce a profissão de ferreiro.

Hoje carrego fragmentos de histórias comigo, personagens confusos que pedem a palavra. Ou a confusa sou eu? As histórias não são minhas, como contá-las? Cada vez que dou dar voz a estes cuja vida re-existe em mim, eles silenciam e me deixam muda. (p. 13.)

Na instituição “casamento”, o papel da mulher é sempre de submissão, servidão, anulação do seu ser, pelos cuidados com a casa, marido e filhos. Esse papel social é sempre alterado quando alguma delas decide trabalhar fora de casa ou aprende a ler, estudar e desejar uma vida intelectual. A importância do livro e da leitura para as personagens negras do romance é a grande resistência ao racismo e explica o porquê de tardiamente ser publicado no mercado editorial e nossa ausência no cânone literário.

Não posso escrever essa resenha sem citar a importância da publicação dessa nossa romancista negra, porque é essa revolução literária que a Literatura Negro-Brasileira vem trazendo à consciência nacional: de que não existe um Brasil sem a presença negra, sem a cultura negra, sem a literatura negra. E é isso que os escritores negros fazem: contam o que ninguém ainda contou, ou contou com o olhar racista. Nossas vozes, antes silenciadas, agora escrevem romances, como o *Avesso da Pele* de Jéferson Tenório, ganhador do Jabuti 2021.

E, nessa complexa formação, da personagem e da nação, lemos um capítulo visceral, que escorre sangue e nos envergonha da dívida histórica que temos também com a população indígena brasileira. É a história da bisavó indígena da narradora, que simplesmente não tem nome, foi “pega no laço”:

Talvez a personagem mais silenciosa dessa história seja a mãe da minha vó, desta nem o nome soubemos. A frase que circula pela família é que ela era tão selvagem que foi caçada pelo meu bisavô. Algo me intriga nesse enunciado, já o escutei de pessoas diversas com as quais não possuo nenhum parentesco, o que pode significar essa frase circulando entre tantas famílias? Os restos de um testemunho? Algo que insiste para que possamos falar do estupro em nossa memória ancestral?

De fotografia em fotografia, o rosto de nossa narradora vai ganhando forma, cor e conteúdo. O avô revolucionário era um grande leitor, e através da leitura crítica, se libertou de antigos grilhões de coronéis do interior do país, que fizeram a “falsa abolição”. “Quem sai aos seus, não degenera”, é um ditado popular que às vezes faz sentido. A família negra ancestral tem um tio-tataravô norte-americano, marinheiro que vem de Boston, Estados Unidos, para o Brasil com seu desejo de liberdade, construído em cima da leitura e amor pelo conhecimento.

Algumas histórias da família são trágicas e violentas, não querem ser reveladas, mas fazem parte da construção de nossas identidades. Quando o racismo se faz presente nas famílias interracialis, muito silêncio é produzido para evitar mais traumas e muitas vezes, o que nos resta é o rompimento:

A minha avó Antônia, era uma mulher baixa, gorda, e pele branca das mãos era cheia de manchas da idade, e tinha o riso fácil que balançava toda a barriga. Na minha infância, família branca e preta coincidia com a família do meu pai e da minha mãe, e eu não era próxima de nenhuma das duas. Quando nasci, o roteiro já se desenrolava há mais de uma década, muitas brigas, ofensas e mágoas que eu não vivi, só conheci os escombros, e meus pais escolheram colocar mais de mil quilômetros entre nós e eles. A distância já era um fato consolidado. (p. 84)

Mesmo com essa distância histórica e espacial, nossa narradora consegue compor um mosaico do cidadão brasileiro, ela, no caso. Como temiam algumas tias-avós, a menina escutava as conversas dos adultos, debaixo da mesa, atrás das portas e sua memória, junto com o álbum de fotografias, constroem esse potente e dilacerante romance.

O silêncio das mulheres negras já foi arma de resistência e sobrevivência, nos mais de 300 anos de escravidão no Brasil. O pós-abolição afastou os negros da educação por mais cem anos. Se chegamos tardiamente nas letras brasileiras, nossa necessidade da escrita não, sempre foi ancestral. São as *Vozes de Retratos Íntimos* que sussurram em nossos ouvidos e pedem para serem contadas.

Nós, mulheres negras, sempre escrevemos, desde a escravizada Rosa Maria Egipcíaca de Vera Cruz no século XVIII, até Taia Smith Ohnmacht em 2021. O que falta é a leitura do público leitor branco brasileiro, pois nós, negros, na ausência da escrita, ficamos sabendo de tudo sobre o nosso povo, através da oralidade das Vozes!

Ana dos Santos

Poetisa. Doutoranda em Letras pela UFRGS.

E-mail: ana.flordolacio@gmail.com